

## **Notícia não é diversão**

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

*A liberdade de imprensa restringe-se a quem é dono dela. A. Liebling*

No fim de semana das eleições estava como todo mundo ligado nas notícias, quando as invadiu, sem pedir licença, a tragédia do avião da Gol. Deus ou um dos seus assessores podiam ter-nos poupado dessa. Enfim, vida que segue, na manhã de domingo, lia, na primeira página do Globo, fechando o item sob o título Tragédia não deixa sobreviventes, o texto: Entre as vítimas desta que é a maior tragédia da aviação brasileira havia um bebê de 8 meses.

O inesperado da informação fez-me parar para refletir. Um avião brasileiro cai e mata 155 pessoas homens, mulheres, velhos, crianças, brancos, negros, os passageiros, a tripulação, enfim, todo mundo que estava dentro dele e o que me vem dizer, a mais do que o que já estou recebendo de terrível, trágico, doloroso e indesejado esse cara ou essa cara do jornal, falando sobre um bebezinho de oito meses?

Pensei muito e só consegui chegar a duas respostas possíveis: ou o jornalista achou que era pouco, a notícia da maior tragédia aérea brasileira, e quis torná-la mais "interessante", falando do bebezinho; ou precisava de duas linhas a mais, para trancar a chamada de primeira página, e escreveu a primeira coisa que lhe veio à cabeça...

Seja qual for a explicação, ela depõe contra a seriedade e a responsabilidade da nossa imprensa. E leva-me a escrever o texto de hoje, particularmente difícil para um jornalista, e que me lembra aquela frase da sabedoria anônima: Quem nos protege dos nossos protetores?

Sim, pois afinal Jefferson escreveu que uma democracia não pode sobreviver sem a imprensa, pois a nenhum governo se deve permitir governar sem crítica. Mas quem critica os críticos? Não falo de censurá-los; isso muitos governos tentaram e a sociedade sempre saiu perdendo. Mas quem chama os jornalista as falas quando extrapolam as suas funções?

Esse triste episódio perfeitamente kitsch da tentativa canhestra de tornar ainda mais feio o que já é pavoroso parece-me sintoma de um mal maior, que aos poucos se vem apoderando da mentalidade dos donos dos meios de comunicação, tornando-a irracional. Trata-se do movimento generalizado, nos últimos anos, de transformar tudo o que é transmitido pela mídia em entretenimento, inclusive as notícias.

Essa distorção perversa tem conseqüências visíveis, como por exemplo a escolha de mulheres belas e de nomes charmosos para apresentar os telejornais (o que, admito, só prejudica as feias e aos jornalistas homens), mas também a escolha do que vai ser noticiado: o crime, o estupro, o seqüestro, o atentado, o maremoto em locais distantes de nomes impronunciáveis, enfim, fatos diversos que talvez não sejam os que mais afetam o futuro e o bem-estar da humanidade, mas são sensacionais, consumíveis, "divertidos"? E isso prejudica a todos, sem exceção.

Não me proponho a ser dedo-duro ou estraga-prazer; mas, francamente, colegas, acho que estamos todos precisando refletir melhor sobre nossa responsabilidade social sobretudo no Brasil.

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=165&ID=359>>.  
**Acesso em:** 4 ago. 2009